Dia 3 — São Francisco Xavier, Apóstolo das Índias

Martirológio Romano

São Francisco Xavier, da Companhia de Jesus, apóstolo da Índia, esclarecido pela conversão dos gentios e por seus dons de profecia e milagres, em Sancião, ilha da China; o qual, cheio de méritos e trabalhos, morreu no dia 2 deste mês; mas sua festividade se celebra hoje por decreto do papa Alexandre VII. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

O santo profeta Sofonias, na Judeia. (Sofonias, que se interpreta Segredo do Senhor, foi filho de Cusi, neto de Godolias, bisneto de Amarias, e de quem foi pai Ezequias, o qual, segundo todas as conjeturas, é o rei de Judá deste nome; e nasceu em Sabarat, na tribo de Simeão. Profetizou no tempo de Josias, rei de Judá, filho de Amon, e declarou a destruição de Jerusalém e a ruína de sua gente pelos caldeus, em pena das idolatrias, violências e impiedades que reinavam no povo. Predisse também que iguais calamidades padeceriam os filisteus, os moabitas, os amonitas, os etíopes e os assírios, e faz menção do dia do juízo. Conclui sua profecia tratando da felicidade da lei de graça e dos muitos que haviam de recebê-la. Foi contemporâneo de Jeremias, ainda que morreu antes dele, no tempo de Joaquim, filho de Josias, antes que a cidade de Jerusalém fosse destruída, e nela foi sepultado. Sua profecia contém três capítulos, e a Igreja católica se serve dela nas lições das matinas da quarta-feira da quinta semana de novembro. Entre os profetas menores tem o nono lugar.)

Os santos mártires Cláudio, tribuno, e sua mulher Hilária, e seus filhos Jasão e Mauro, com setenta soldados, em Roma; dos quais o imperador Numeriano mandou que a Cláudio atassem uma grande pedra ao pescoço e o lançassem ao rio, e que seus filhos e soldados fossem degolados. Hilária, tendo dado sepultura a seus filhos, estava em oração junto a seu sepulcro, onde a prenderam os gentios, e entre as mãos destes morreu no Senhor. (Cláudio, na qualidade de tribuno romano, teve de assistir com seus soldados ao martírio dos santos Crisanto e Daria; e ao ver a fortaleza invencível dos dois atletas cristãos, ele, sua família e todos os soldados que estavam às suas ordens confessaram publicamente o nome de Cristo. Aconteceu isto no ano de 282.)

O martírio de São Casiano, em Tânger, na Mauritânia; o qual, tendo exercido por muito tempo o ofício de notário contra os Cristãos, inspirado do céu teve por coisa execrável cooperar na morte dos Santos, pelo que renunciou ao ofício e, confessando a Jesus Cristo, mereceu o triunfo do martírio. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

Os santos mártires Cláudio, Crispino, Magina, João e Estêvão, na África.

São Agrícola, mártir, na Hungria.

O martírio dos santos Ambico, Vítor e Júlio, em Nicomédia.

São Miroclés ou Miroclete, bispo e confessor, em Milão, de quem algumas vezes faz menção Santo Ambrósio (em diferentes lugares de suas obras).

São Birino, primeiro bispo de Dorchester, na Inglaterra. (Era presbítero de Roma quando pediu licença ao papa Honório para ir pregar o Evangelho aos idólatras da Bretanha. O Papa louvou seu zelo e mandou que fosse ordenado bispo. Birino desembarcou no reino dos saxões ocidentais e, com muitos outros, batizou o rei Cinegilso. O santo Apóstolo fixou sua sede em Dorcic, hoje Dorchester, sobre o Tâmisa, no condado de Oxford: edificou e consagrou muitas igrejas, ganhou muitas almas para Deus e, partindo para ele, foi enterrado na mesma cidade pelos anos de 630. Suas relíquias foram depois trasladadas a Winchester e depositadas na igreja de São Pedro e São Paulo. Butler.)

São Lúcio, rei da Inglaterra, em Coira, na Alemanha; o primeiro dos reis daquela ilha que abraçou a fé católica no tempo do papa Eleutério. (A maior parte dos historiadores alemães diz que, renunciando o rei Lúcio sua coroa, foi pregar a fé na Alemanha, especialmente em Coira, cuja igreja fundou. E acrescentam que, pregando aos grisões, os alvoroços dos infiéis o obrigaram a fugir para um deserto e viver oculto num sítio chamado hoje Sanct Lucis Steig, ou monte de São Lúcio. Depois se retirou a uma caverna a uma milha de distância daquele lugar, a qual conserva o nome de Sanct Lucis Lochlin. Por fim referem que caiu nas mãos de seus perseguidores e que foi decapitado na fortaleza de Martiola, por volta do fim do século II. Em Augsburgo se conservam várias porções de suas relíquias.)

Santo Galgano, eremita, em Siena, na Toscana. (Morreu numa solidão, e glorioso em milagres, em 1181.)

São Francisco Xavier, da Companhia de Jesus, Apóstolo das Índias

São Francisco Xavier, um dos mais magníficos ornamentos de sua Ordem, glória de sua nação, o taumaturgo destes últimos tempos, o apóstolo das Índias e do Japão, a admiração de todas as nações e o prodígio de seu século, era navarro e trazia sua origem do sangue real de Navarra. Teve por pai Dom João de Jasso, senhor de mérito, que tinha um dos primeiros lugares do Conselho de Estado no reinado de João III. Sua mãe, Maria de Azpilcueta Xavier, uma das senhoras mais

cabais e perfeitas de seu tempo, era a herdeira destas duas famílias, ambas das mais ilustres do reino. Nosso Santo, o menor de seus irmãos, nasceu no dia 7 de abril do ano de 1506 no castelo de Xavier, que está ao pé dos Pireneus.

O Senhor, que o escolheu para ressuscitar nestes últimos tempos todas as maravilhas dos primeiros Apóstolos, deu-lhe todas as qualidades naturais que pedem as funções do apostolado: um corpo robusto, uma compleição viva e ardente, um gênio sublime e capaz dos maiores desígnios, um coração intrépido, muito agrado no exterior, um ar aprazível e gracioso, um humor alegre e amigo de comprazer; com tudo isso via-se nele um sumo horror a tudo o que pode manchar a pureza e uma inclinação veemente ao estudo: foi educado como correspondia à sua qualidade, mas especialmente cuidaram que sua educação fosse muito cristã. Apenas esteve em idade de aprender, deixando a seus irmãos a profissão das armas e declarando sua inclinação às letras, puseram-no a estudar. Os pasmosos progressos que fez em poucos anos obrigaram seu pai a enviá-lo à universidade de Paris, que era então a academia de toda a nobreza da Europa. A penetração de seu espírito e sua aplicação ao estudo fizeram-no muito cedo hábil nas ciências maiores; foi graduado mestre em artes e aos vinte e cinco anos de idade ensinou com muito brilho a filosofia. Os louvores que todo o mundo lhe dava lisonjeavam demasiado sua inclinação. Nesta alta reputação se achava Xavier na universidade de Paris quando Santo Inácio foi continuar nela seus estudos. O santo Fundador da Companhia de Jesus, iluminado com luz sobrenatural, descobriu desde o princípio em que o tratou os grandes desígnios que Deus tinha sobre este jovem mestre em artes, e assim se aplicou a ganhá-lo, para o que começou louvando os raros talentos que lhe havia dado a natureza; buscava-lhe discípulos para fazê-lo mais estimado e, misturando sempre algumas reflexões cristãs com os elogios que lhe dava, dizia-lhe: É verdade que és homem de mérito, que és aplaudido; mas de que te serve ganhar o universo inteiro, se perdes tua alma? Xavier escutava com gosto a seu amigo; mas o resplendor de uma falsa glória o deslumbrava demasiado e lisonjeava demasiado sua ambição para que estas salutares conversações fizessem em seu jovem coração toda a impressão que deviam. Tendo faltado o dinheiro a Xavier, assistiu-o Inácio liberalmente. Um dos maiores serviços que lhe fez foi preservá-lo dos erros dos Luteranos, que os emissários do partido procuravam inspirar-lhe: tendo-o Santo Inácio preservado do erro, determinou não omitir diligência alguma para ganhá-lo para Deus. Tendo-o encontrado um dia mais dócil, falou-lhe com tanta energia das grandes verdades da Religião que, penetrado Xavier do amor das coisas celestiais e do nada das grandezas mundanas, fez firme propósito de pensar seriamente em sua salvação, pondo-se para isso sob a direção de Santo Inácio. Começou sua nova vida por um retiro espiritual, segundo o método de seu novo diretor; e o praticou com tanto fervor que passou quatro dias inteiros sem tomar alimento algum, suavizando a abundância das consolações interiores suas excessivas austeridades. Abrasado este grande coração no amor de Deus, saiu Xavier de seu retiro como um homem inteiramente distinto. Não teve desde então outra ambição que a de padecer todas as humilhações da cruz: não sentiu outro gosto que o que lhe resultava dos maus-tratos que dava a sua carne, nem outro atrativo que o de ganhar almas para Jesus Cristo.

Tendo feito seus votos em Montmartre, no dia da Assunção de Nossa Senhora, no ano de 1534, com os outros oito companheiros que o santo Fundador se havia associado, partiu com eles para a Itália: nesta viagem foi quando, tendo atado nosso Santo os braços e as pernas com uns cordéis delgados para castigar não sei que complacência que havia tido em saltar e dançar melhor que os

outros jovens de sua idade, esteve a pique de perder a vida; porque, tendo o movimento feito entrar as cordas tão dentro da carne que já quase não se viam, os cirurgiões julgaram que o mal era incurável. Neste conflito recorreram a Deus seus companheiros; e ao despertar Xavier pela manhã, achou-se com as cordas caídas e ele perfeitamente são. Tendo chegado a Veneza com o desígnio de fazer a viagem da Terra Santa, repartiram entre si todas as obras de misericórdia da cidade: o hospital dos incuráveis coube a Xavier, o qual, esquecendo sua qualidade e sua delicadeza, não houve ofício baixo nem desagradável que não exercesse. Um dos enfermos que havia nele tinha uma úlcera que não se podia ver sem horror, e a fedentina que despedia de si era ainda mais insuportável que a vista: ninguém se atrevia a aproximar-se deste miserável, e o próprio Xavier sentiu muita repugnância em servi-lo. Mas, envergonhando-se de sua repugnância natural, foi correndo ao enfermo, abraçou-o, pôs sua boca sobre a úlcera que o havia feito estremecer e chupou-lhe o pus. Uma vitória tão generosa o livrou para sempre de sua delicadeza; tanto importa vencer-se bem de uma vez.

Tendo empregado dois meses nestes exercícios de caridade e vendo que era impossível fazer a viagem de Jerusalém, foi-se a Roma, onde recebeu as sagradas ordens. Preparou-se para sua primeira missa com um retiro de quarenta dias e a disse em Vicenza com tal abundância de lágrimas que os que a ouviram não puderam conter as suas. Sua vida austera e laboriosa alterou sua saúde tão notavelmente que caiu enfermo, e foi preciso levá-lo ao hospital. O gozo que teve de ver-se confundido com os pobres e uma visão de São Jerônimo, de quem era muito devoto, consolaram-no tanto que não tardou muito em curar. Tendo passado o inverno em Bolonha, fez ali infinitos bens. Mas tendo sido aprovada a Companhia pelo papa Paulo III no ano de 1540 e erigida em Ordem religiosa, foi Xavier chamado a Roma, onde pregou na igreja de São Lourenço in Dámaso com tanto fruto que já se olhava para ele como apóstolo da Itália: quando João III, rei de Portugal, informado dos bens extraordinários que já fazia este novo Instituto, pediu ao Papa alguns dos homens apostólicos que o compunham, para enviá-los às Índias. O soberano Pontífice mandou a Santo Inácio que escolhesse dois de seus filhos para esta missão. O Santo nomeou logo os Padres Simão Rodrigues, português, e Nicolau Bobadilla, espanhol. O primeiro estava ocupado em Siena e o outro no reino de Nápoles, executando alguns encargos do Santo Padre. Ao chegar a Roma o P. Bobadilla caiu gravemente enfermo. Vendo Santo Inácio que não estava em estado de pôr-se a caminho, recorreu à oração, suplicando ao Senhor que lhe desse a conhecer quem era o que tinha destinado para as Índias: um raio celestial o iluminou logo e deu-lhe a conhecer que Xavier era este vaso de eleição. Tendo-o chamado, disse-lhe: Xavier, eu havia nomeado Bobadilla para as Índias, mas o céu vos nomeia hoje a vós, e eu vo-lo anuncio da parte do Vigário de Jesus Cristo; recebei o emprego com que vos honra Sua Santidade por minha boca.

Recebeu Xavier sua missão como os Apóstolos receberam as suas, com os mesmos sentimentos de reconhecimento e de gozo, com o mesmo ânimo, com a mesma sede de padecer, com o mesmo zelo, com o mesmo ardor, com o mesmo desejo da salvação das almas. Na verdade, Deus já lhe havia anunciado sua missão; pois quase todas as noites sonhava que levava sobre suas costas um grande indiano muito negro; e tendo visto uma vez em sonhos, ou num êxtase, vastos mares cheios de tempestades e de escolhos, ilhas desertas, terras bárbaras que não lhe ofereciam em toda a sua extensão senão fome, sede e nudez, com infinitos trabalhos, sangrentas perseguições e riscos evidentes de perder a vida, ouviu-se-lhe exclamar: Ainda mais, Senhor, ainda mais. Tendo ido Xavier prostrar-se aos pés do Santíssimo Padre para pedir-lhe sua bênção, o Papa abraçou-o

ternamente e advertiu nele uma humildade tão profunda, um valor tão cristão e um zelo tão heroico que, ao dar-lhe sua bênção, não teve a menor dúvida de que enviava um Apóstolo àquele novo mundo.

Xavier partiu de Roma no dia 5 de março do ano de 1540, sem outra bagagem que um breviário. Como a ternura e a confiança na santíssima Virgem foi sempre a principal devoção de nosso Santo, quis ter o consolo de passar por Loreto para consagrar-se de novo à Mãe de Deus e recomendar-lhe sua missão. Tardou três meses em sua viagem de Roma a Lisboa, e não houve dia em que a caridade, a humildade e o zelo de Xavier não se assinalasse com alguma ação particular. Passou junto ao castelo de Xavier; mas não foi possível persuadi-lo de que fosse despedir-se de sua mãe. Tendo chegado a Lisboa, não tomou outro alojamento que o hospital. O Rei chamou-o à corte e recebeu-o com a maior veneração e respeito; ainda que se lhe dispôs uma pousada, não pôde resolver-se a deixar o hospital nem a deixar de viver de esmola. Sua detença em Lisboa foi como o ensaio de sua missão e o compêndio das maravilhas que havia de fazer nas Índias. Apenas se deixou ver, toda a cidade mudou de face por suas pregações; e esta mudança de costumes se fez visível até no palácio do Rei, tanto na gente principal como nos criados inferiores. Quiseram detê-lo em Portugal; mas foi preciso ceder aos desígnios da Providência. Ao ir embarcar, o Rei enviou-lhe quatro breves do Papa: em dois o soberano Pontífice o nomeava núncio apostólico e lhe dava poderes amplíssimos para estender e conservar a fé em todo o Oriente; nos outros dois Sua Santidade o recomendava aos governadores das ilhas. No dia 7 de abril de 1541 partiu da baía de Lisboa com o P. Paulo de Camerino, italiano, e com o P. Mansilhas, português. A viagem foi longa, mas foi toda ela uma missão apostólica. Contavam-se mais de novecentos homens no navio, e pode-se dizer que foram novecentas conquistas que seu zelo fez para Jesus Cristo. Desde o primeiro dia se desterraram os jogos, as rixas, as palavras indecentes, os juramentos e todas as desordens que a ociosidade produz ordinariamente nos que vão a bordo. Oficiais, marinheiros, soldados, tudo se rendeu às salutares instruções do homem apostólico. Pregava muitas vezes ao dia: confessava, consolava e servia aos enfermos, fazendo-se tudo para todos, a fim de ganhá-los todos para Jesus Cristo. O vice-rei Dom Afonso de Sousa não pôde obter do Santo que comesse a sua mesa uma só vez, querendo Xavier viver sempre e manter-se de esmola.

Os frios insuportáveis de Cabo Verde e os calores excessivos da Guiné, com a água e os mantimentos que se corromperam debaixo da linha, causaram enfermidades muito perigosas na embarcação, as quais em pouco tempo se fizeram contagiosas. Então foi quando a caridade heroica de nosso Santo se manifestou mais: enxugava aos enfermos seus suores, limpava suas úlceras, lavava as ataduras e os panos e fazia-lhes todos os serviços, ainda os mais vis e desprezíveis; mas sobretudo cuidava de suas consciências, e sua principal ocupação era dispô-los a morrer cristãmente. O mais de admirar é que fazia tudo isto estando incomodado de contínuos vômitos. Para aliviá-lo algum tanto, o vice-rei mandou que lhe dessem uma câmara maior e mais cômoda; tomou-a, mas foi para pôr nela os mais enfermos, ficando ele a dormir no convés, sem outro travesseiro que o cordame do navio. Tantas e tão grandes ações de caridade fizeram que desde então todos lhe dessem o nome de santo padre; e este nome lhe ficou para sempre até entre os idólatras e maometanos.

Tendo-se obrigado a frota de Sousa a invernar em Moçambique, desembarcaram todos os enfermos e levaram-nos ao hospital. Xavier com seus dois companheiros os seguiu e, ainda que

passavam de oitocentos, empenhou-se em servi-los a todos; e estando ele mais enfermo que muitos daqueles a quem servia, viam-no, nos mais fortes acessos de sua febre, assistir aos enfermos e aos moribundos e fazer admirar em todas as partes os milagres de seu zelo: depois de seis meses de detença e de trabalhos aportou a Melinde, na costa da África. A desgraça dos habitantes, que eram todos maometanos, enterneceu-o, e resolveu-se a permanecer ali o mais que pudesse para trabalhar na conversão daqueles bárbaros; mas foi-lhe preciso partir com o galeão, o qual em poucos dias chegou a Goa, treze meses depois de haverem partido de Lisboa.

Ainda se lembravam naquela cidade da profecia do santo homem Pedro de Covilhã, religioso trinitário, martirizado pelos indianos no ano de 1497, quarenta e três anos antes do nascimento da Companhia de Jesus; o qual, traspassado todo de flechas, quando derramava seu sangue por Jesus Cristo, pronunciou distintamente estas palavras: Dentro de poucos anos nascerá na Igreja de Deus uma nova religião de clérigos, que levará o nome de Jesus; e um de seus primeiros padres, conduzido pelo Espírito Santo, penetrará até os recantos mais distantes das Índias Orientais, cuja maior parte abraçará a fé ortodoxa pelo ministério deste pregador evangélico.

Logo que Xavier saiu do navio, foi alojar-se no hospital, apesar da resistência e dos rogos do vice-rei; mas não quis começar as funções de missionário sem se haver apresentado antes ao bispo e pedir-lhe seu beneplácito. Era então bispo de Goa Dom João de Albuquerque, religioso de São Francisco, um dos mais virtuosos prelados da Igreja. Depois de lhe haver Xavier manifestado as razões pelas quais o soberano Pontífice e o rei de Portugal o haviam enviado às Índias, apresentou-lhe os breves de Sua Santidade e declarou-lhe que não pretendia servir-se deles senão com seu beneplácito: logo, lançando-se a seus pés, pediu-lhe sua bênção e não quis levantar-se até que lha deu. A modéstia e a humildade do Santo deixou encantado o Prelado, o qual beijou muitas vezes os Breves do Papa; e devolvendo-os ao Padre, disse-lhe: Um legado apostólico, enviado imediatamente pelo Vigário de Jesus Cristo, não tem necessidade de receber sua missão de outra parte: use vossa paternidade livremente dos poderes que a Santa Sé lhe deu; e esteja seguro de que, se a autoridade episcopal fosse necessária para mantê-los, não lhe faltará esta nas funções de seu ministério.

Os descobridores das Índias Orientais haviam feito renascer o cristianismo em alguns lugares; mas já não restava rastro algum: em todas as partes reinava a idolatria e o maometismo; tanto que até os próprios portugueses viviam mais como idólatras que como cristãos. Não era menor a corrupção de seus costumes, a qual fazia que todas as Índias parecessem inteiramente pagãs. Tal era a face da cristandade das Índias quando o P. Xavier chegou a elas. Mas apenas se deixou ver este novo apóstolo, aquela vinha inculta veio a ser a porção mais florida da Igreja. Para fazer que o céu derramasse suas bênçãos sobre uma empresa tão difícil, passava a maior parte da noite em tratar com Deus e só dormia três ou quatro horas: punha-se em oração ao amanhecer e, acabada a oração, dizia missa. O resto da manhã o empregava nos hospitais e em visitar os cárceres. De volta destes novos exercícios, ia pelas ruas da cidade tocando uma campainha para juntar os meninos e ensinar-lhes o catecismo. Estas jovens plantas recebiam sem trabalho as impressões que faziam nelas as instruções do padre, e por elas começou a cidade a mudar de face. Suas pregações acabaram de fazer a reforma dos costumes: os pecadores mais escandalosos, penetrados do horror de seus delitos, confessaram-se os primeiros. Muito cedo os seguiram os demais: os contratos ilícitos se anularam, como também os usurários; restituiu-se a fazenda malhavida; deu-

se liberdade aos escravos que se haviam feito cativos injustamente; e, enfim, lançaram-se fora as concubinas. O uso dos Sacramentos se fez frequente, e a piedade se estabeleceu em todas as partes com tanta admiração do bispo de Goa que não cessava de publicar que uma mudança de costumes tão repentina era um dos maiores milagres.

Depois de convertida Goa, disseram a Xavier que na costa da Pescaria havia grande número de pescadores, chamados paravás, que haviam sido batizados em outro tempo, mas que já não tinham de cristãos senão o Batismo. Não foi necessário mais para inflamar o zelo do Santo, o qual, sem deter-se, passou para lá; e logo que chegou, soube que numa daquelas choças havia uma mulher que, depois de três dias de dores veementíssimas de parto, não podia dar à luz a criança. Acode o Santo a este perigo, instrui aquela pobre indiana nos mistérios de nossa Religião, converte-a, batiza-a, e no instante dá à luz felizmente e se acha perfeitamente sã: um milagre tão visível enche a cabana de espanto e de alegria: toda a família se converte, e dentro de poucos dias seguem seu exemplo toda a aldeia e quase toda a costa da Pescaria, onde batizou tão grande número de paravás que escreveu de seu punho aos Padres de Roma que, de tanto batizar, já não podia levantar o braço e que via renovarem-se todos os dias naquele país os prodígios da primitiva Igreja. Servia-se das crianças batizadas para curar os enfermos. Os templos dos falsos deuses foram destruídos em pouco tempo e os ídolos feitos em pedaços. Os brâmanes, que eram como os sacerdotes e religiosos do país, sobressaltados da novidade, juntaram-se em número de muitos milhares. Xavier os confundiu e converteu a muitos; e com esta gloriosa conquista triunfou a fé de Jesus Cristo em toda aquela comarca. O próprio Santo confessa que por meio da Ave-Maria alcançou de Deus a conversão da maior parte dos pagãos. Começava todas as suas instruções rezando o Pai-Nosso e as terminava com a Ave-Maria. Sua mansidão, sua caridade, seus modos agradáveis, sua modéstia, ganhavam-lhe todos os corações: a força e a unção de suas palavras convenciam os espíritos, e sua santidade, manifestada por infinidade de milagres, acabava de converter os povos. Curou repentinamente um homem cujo corpo era todo uma chaga; e ressuscitou quatro mortos na presença dos brâmanes. Em sua volta a Goa fundou o seminário de Santa Fé, que veio a ser muito em breve um viveiro de zelosos missionários. Passou ao reino de Travancor, onde pregou a fé e, em menos de um mês, batizou por sua mão dez mil idólatras. Comunicou-lhe Deus o dom de línguas; e o que não se havia visto desde os Apóstolos naquelas terras, falando uma só língua a muitos milhares de pessoas todas diferentes, todos o entendiam, crendo cada um que falava em sua própria língua.

Vendo os brâmanes abandonado o culto dos pagodes, determinaram matá-lo; mas Deus o conservou de uma nuvem de flechas, das quais uma só bastava para tirar-lhe a vida. Entraram os badagás armados no reino de Travancor, resolvidos a levar tudo a fogo e sangue: seu exército era muito numeroso: correu para eles São Xavier com um Crucifixo na mão e, logo que esteve em paragem em que podia ser ouvido, gritou-lhes: Eu vos proíbo, em nome do Deus vivo, passar mais adiante; e vos mando de sua parte que volteis atrás. Foi o mesmo dizer estas palavras e aquela inundação de bárbaros, sobressaltados de um terror pânico, lançar-se a fugir com a maior desordem.

A reputação do novo Apóstolo não ficou encerrada nos limites do reino de Travancor, mas se estendeu a todas as Índias. Os habitantes da ilha de Manar pediram-lhe que fosse instruí-los: enviou-lhes missionários, e converteu-se toda a ilha. Sendo cada dia mais abundante a messe,

levou Xavier a luz do Evangelho de ilha em ilha, de reino em reino, até as últimas extremidades do Oriente; e tendo ido a Meliapor, onde está o sepulcro de São Tomé, fez prodigiosas conversões. Um mercador de Meliapor, ao ir embarcar para Malaca, pediu-lhe um penhor de sua amizade; Xavier deu-lhe seu rosário e disse-lhe: Não vos será inútil esta joia, contanto que tenhais confiança em Maria. Apenas se havia feito à vela, uma furiosa tempestade lança o navio contra um rochedo e o despedaça. O mercador, cheio de confiança na santíssima Virgem e tendo o rosário de Xavier na mão, encontra-se repentinamente transportado à costa de Negapatão, a muitas léguas de onde havia sucedido o naufrágio. Chega o santo Apóstolo a Malaca, para passar dali a Macáçar: prega, confessa e converte infinidade de facínoras e pecadores, batiza muitos idólatras, maometanos e judeus, e entre outros um famoso rabino que abjurou publicamente o judaísmo. Em nenhuma parte fez o Santo tantos milagres como em Malaca: com só tocar sua sotaina, beijar suas mãos ou receber sua bênção, ficavam curados repentinamente toda sorte de enfermos. Tendo ido fazer uma pequena viagem pelos arredores de Malaca, morreu uma menininha a quem havia batizado pouco antes: a mãe vai buscar o Santo desconsolada e, prostrando-se a seus pés, feita um mar de lágrimas, disse-lhe: Servo de Deus, minha filha morreu; mas se quereis invocar sobre ela o nome de Jesus Cristo, no instante recobrará a vida. Movido Xavier de compaixão, ora a Deus em silêncio um pouco de tempo; e voltando-se logo para ela, diz-lhe: Vai, tua filha está viva. — Há três dias que está enterrada, replica a mãe. — Não importa, responde Xavier; vai, abre seu sepulcro e a acharás viva. Corre a mãe à igreja, faz levantar a pedra que cobria a sepultura e encontra sua filha viva e sã.

Não achando o santo Apóstolo descanso senão em seus trabalhos, vai a Amboina, onde prega a fé aos pagãos, e quase toda a ilha se faz cristã. Percorrendo as ilhas vizinhas, consternam-se os do navio à vista de uma furiosa tempestade; tira Xavier de seu peito um pequeno Crucifixo que levava sempre consigo e, querendo tocar com ele o mar, escapa-lhe da mão e as ondas o levam: esta perda o aflige; mas vinte e quatro horas depois, tendo abordado à ilha de Baranura, viu-se assomar um caranguejo que levava em suas pinças o mesmo Crucifixo e que vinha direito à margem entregá-lo ao Padre. De Baranura passa à ilha de Ulate, encontra seu rei sitiado na capital e a ponto de entregar-se ao exército inimigo por falta de água: o Santo solicitou falar-lhe e pede-lhe licença para plantar uma cruz, oferecendo-se a dar-lhe água com abundância se lhe der palavra de fazer-se cristão com todo o seu povo. O príncipe anui; e apenas se plantou a cruz, uma chuva abundante proveu à necessidade e obrigou o inimigo a levantar o sítio. O rei, em cumprimento de sua palavra, recebeu o Batismo de mão do Santo com todo o seu povo; e depois de haver convertido alguns outros reinos vizinhos, parte para as Molucas. Percorre rapidamente as ilhas de Ternate, de Tidore, de Motir, de Machian e de Bacan: prega, converte e faz triunfar a fé de Jesus Cristo em todos estes lugares, que jamais haviam tido a dita de que chegasse a eles algum apóstolo. Tendo recebido da Europa um novo reforço de missionários, empreende a conversão de todo o Oriente. Tentam impedir-lhe a viagem à ilha do Moro, por ser o país mais bárbaro e mais terrível. Basta que haja nela almas resgatadas com o sangue de Jesus Cristo para que Xavier não ache nem perigo nem obstáculos; mete-se na ilha, anuncia a fé a seus habitantes, os amansa, os instrui, os converte; e estes povos bárbaros e cruéis vêm a ser uma das mais belas porções da Igreja das Índias.

Converte e batiza em Ternate quase toda a família real: faz outro tanto na ilha de Ceilão, nos reinos de Candi e de Jafanapatão, nas Molucas e em todas as ilhas que há ao redor de Macáçar; e

fazendo conversões e milagres em todos os países, vem ele mesmo a ser o maior de todos os milagres. No ano de 1547 os acheneses, inimigos mortais dos Cristãos, apresentam-se à vista de Malaca com uma frota de mais de sessenta navios grandes, todos bem equipados e bem armados, sem contar as barcas, os brulotes e as fragatas. Sua primeira expedição foi queimar todos os navios portugueses que se achavam no porto. Esta vitória fez os bárbaros tão fieros e tão insolentes que, tendo mandado seu general cortar o nariz e as orelhas a alguns pescadores que haviam feito prisioneiros, remeteu-os ao governador de Malaca com esta carta:

«Bajaja Soora, que tem a honra de levar em vasos de ouro o arroz do grande sultão Alardin, rei de Achém e das terras que lava um e outro mar, adverte-te que escrevas a teu rei que estou aqui apesar dele, infundindo terror em sua fortaleza com meus fieros rugidos, e que me manterei aqui todo o tempo que me aprouver. Ponho por testemunha de quanto digo não só a terra e as nações que a habitam, mas também todos os elementos até o céu da lua; e lhes protesto e declaro, pelas palavras de minha boca, que teu rei está sem valor nem reputação; que seus estandartes abatidos não poderão desfraldar-se jamais sem licença do que acaba de vencê-lo; que, pela vitória que alcançamos, tem meu rei a seus pés a cabeça do teu, o qual desde este dia é seu vassalo e seu escravo; e para que tu mesmo confesses esta verdade, desafio-o ao combate no sítio onde estou agora, se te sentes com ânimo bastante para resistir-me.»

Ainda que a carta do general bárbaro era ridícula e fanfarrona, não deixou de pôr em grande consternação toda Malaca: só Xavier, cheio de confiança em Deus, animou aqueles espíritos abatidos e disse ao Governador: Se os bárbaros têm tantos navios e tropas, nós temos em nosso auxílio o Deus dos exércitos: é necessário ir apresentar-lhes batalha. — Mas como nos embarcaremos, disse o Governador, e em que navios? Pois de oito vasos grandes que havia no porto só restam sete cascos de fustas inteiramente maltratados: e, quando pudéssemos servir-nos deles, que seria isso contra uma esquadra tão numerosa? — É verdade, replicou o Santo sorrindo, que as sete fustas são velhas e só boas para o fogo: contudo, que se disponham com toda a pressa. Ninguém se atreveu a replicar a uma ordem tão precisa do varão de Deus. Em dois dias aprestaram-se as fustas; e apenas haviam levantado âncoras para ir buscar o inimigo, que se havia desviado um pouco para pôr-se fora do tiro do canhão da fortaleza, quando a almiranta desta pequena tropa se abriu pelo meio e se afundou repentinamente, sem que se pudesse salvar outra coisa que a bagagem. Xavier estava dizendo missa na igreja de Nossa Senhora do Monte quando vieram dar-lhe notícia desta triste aventura: fez sinal ao criado do Governador que se retirasse e, tomando-o depois da missa, disse-lhe: Vai dizer a teu amo que a perda de um navio não deve desanimar-nos: vai, e confia; porque essa pequena frota está sob a proteção da santíssima Virgem. Passou-se perto de um mês sem que houvesse notícias das duas esquadras; quando o Padre, pregando um dia na igreja maior de Malaca, às dez da manhã, ao mesmo tempo que as duas frotas estavam em combate a mais de cem léguas de Malaca, parou de repente, como fora de si mesmo: logo, voltando-se para o Crucifixo, com as lágrimas nos olhos e os suspiros na boca, exclamou: Ó bom Jesus, Deus de minha alma, Pai de misericórdia! Suplico-vos humildemente, pelos méritos de vossa sagrada paixão, que não abandoneis vossos soldados. Acabadas estas palavras, baixou a cabeça, recostando-se sobre a cadeira, sem dizer palavra; depois, levantando-se de pronto, disse em voz alta, com um transporte de gozo que não pôde conter: Irmãos meus, Jesus Cristo venceu por nós. Neste mesmo instante acabam os soldados de seu santo nome de derrotar a armada dos inimigos, nos quais fazem grande matança: nós só perdemos quatro dos nossos; na sexta-feira

próxima recebereis a notícia, e nossa frota virá muito em breve. O sucesso verificou tudo: uma fragata chegou na sexta-feira e, dois dias depois, entrou triunfante a pequena frota ao som de trombetas e ao ruído da artilharia.

Tendo o novo Apóstolo conquistado para Jesus Cristo quase todas as Índias e meditando novas conquistas, um japonês chamado Angeroo arribou numa embarcação chinesa, o qual vinha buscar a quietação de sua consciência nos conselhos do Santo, cuja reputação se havia estendido por todo o Oriente. Logo que Xavier o viu, conheceu que este japonês não só seria o primeiro de seus patrícios que receberia o Batismo, mas que por sua mediação o receberiam outros muitos em sua terra. Este conhecimento fez que se enchesse de gozo ao vê-lo e que o abraçasse com muita ternura. Sem aguardar o Santo que o japonês lhe manifestasse suas penas, assegurou-lhe que acharia o sossego que havia vindo buscar tão longe; mas que era preciso antes de tudo que abraçasse a lei do verdadeiro Deus; para o que o enviou ao seminário de Goa, a fim de prepará-lo, a ele e a todos os de sua família, para receber o Batismo. O Padre o seguiu e, depois de haver acabado de converter os idólatras que haviam ficado na costa da Pescaria, em Manapar, no cabo Comorim e na ilha de Ceilão, que estão de passagem, chegou a Goa, onde encontrou seu novo prosélito; e vendo-o perfeitamente instruído, batizou-o, pôs-lhe por nome Paulo de Santa Fé e fez dele um de seus mais zelosos catequistas. Tendo sabido por este neófito o estado do Japão, que era um dos maiores reinos do mundo, determinou levar a ele as luzes do Evangelho, apesar de tudo o que se lhe pudesse opor para desviá-lo de seu piedoso intento. Escreveu muitas cartas à Europa: a primeira ao rei de Portugal, João III, cheia de sábios conselhos sobre o modo como deve governar um monarca. Escreveu outra a Santo Inácio, seu geral, e aos Padres de Roma, na qual lhes diz: «Como Deus lhe deu a conhecer o muito que deve às orações dos da Companhia que trabalham na terra e gozam no céu do fruto de seus trabalhos. Quando começo a falar de nossa Companhia, acrescenta, não posso acabar; mas a partida das embarcações me obriga, contra minha vontade, a não ser mais longo. Eis aqui o que eu falo mais a propósito para acabar minha carta: Se eu me esquecer de ti em algum tempo, ó Companhia de Jesus, minha mão direita me seja inútil e se me esqueça o uso que devo fazer dela: *Si oblitus umquam fuero tui, Societas Jesu, oblivioni detur dextera mea.* Peço a Nosso Senhor Jesus Cristo que, já que nesta vida miserável nos juntou em sua Companhia, nos junte por toda a eternidade na companhia dos Santos que o veem no céu.»

Tendo recebido um novo reforço de missionários na chegada de alguns jesuítas vindos da Europa, prescreveu-lhes as regras que deviam observar em suas missões; e, na qualidade de núncio apostólico e de superior geral de todos os Jesuítas do Oriente, assinalou a todos o lugar de sua missão e nomeou superiores que em sua ausência governassem a Companhia nas Índias. Enquanto esperava a navegação, ficou em liberdade, com o que se aplicou mais particularmente aos exercícios da vida interior, dispondo-se por meio do retiro para novos trabalhos. Então foi quando, estando na horta do colégio de São Paulo que havia fundado em Goa, umas vezes passeando, outras retirado numa pequena ermida, cumulado daquelas doçuras espirituais de que estava inundado seu coração, exclamou: Basta, Senhor, basta, abrindo sua sotaina diante do peito para dar um pouco de ar às chamas que lhe abrasavam a alma. Finalmente, em abril de 1549, embarcou numa fusta que ia a Cochim, com o P. Cosme de Torres, o irmão João Fernandes e os três japoneses convertidos, Paulo de Santa Fé e seus dois criados João e Antônio. Estando em Malaca, soube que um dos reis do Japão pedia pregadores evangélicos ao governador das Índias;

não se pode dizer qual foi o gozo do santo Apóstolo e qual seu desejo de partir quanto antes a esta nova conquista. Embarcou no dia 25 de junho para o Japão e, depois de muitas tempestades que o Santo serenou e aplacou, abordou a Cangoxima no dia 15 de agosto do mesmo ano.

Seria necessário um volume inteiro só para contar uma parte dos trabalhos, das viagens, das conversões e dos prodígios que operou este santo Apóstolo naquele vasto império. Começou a pregar em Cangoxima, onde converteu muitas pessoas: disputa com os bonzos, que eram como os sacerdotes do país, e os confunde: cura toda espécie de enfermidades com só o sinal da cruz: ressuscita muitos mortos, dentre os quais alguns já haviam sido enterrados: prega em Satsuma, em Ekandono, em Firando, em Amanguchi: faz-se moço de espora de um cavaleiro para ir a Macau: anuncia o Evangelho no reino de Bungo e em outras partes, onde converte milhares de pagãos; e em menos de um ano faz florescer no Japão a religião cristã. Tendo convertido Xavier todos estes reinos, insaciável ainda de conversões, busca novos países onde faz novas conquistas. Tendo-se embarcado para voltar à Índia, uma das borrascas mais furiosas desarvorou a embarcação, a qual a cada momento se via em perigo de naufragar: a só presença de Xavier infundia segurança nos soldados e marinheiros; mas um acidente que sobreveio introduziu a consternação no navio. Havia cinco portugueses com dez japoneses na chalupa que ia atrás e que haviam amarrado ao navio com grossos cabos; mas tendo-se embravecido o vento durante a noite, a violência das ondas rompeu os cabos, e a chalupa era levada ao arbítrio das ondas, que se levantavam como montanhas. Todos creram que os cinco homens haviam perecido e que a chalupa teria sido ou despedaçada ou tragada pelas ondas. O capitão Eduardo da Gama, amigo do Santo, estava inconsolável por haver perdido seu sobrinho, e os outros sentiam igualmente a perda de seus companheiros, quando São Xavier, saindo de sua oração e encerrando-se com Gama, disse-lhe com um rosto risonho: Não vos aflijais, irmão, antes de três dias virá a filha encontrar-se com sua mãe. Bem se compreendeu o que queria dizer o Santo, mas a coisa parecia tão pouco possível que não se podia crer. Vendo o Santo que não cessavam as lágrimas, disse-lhes com um tom de segurança: A confiança que tenho na divina misericórdia me faz esperar que não perecerão as pessoas que pus sob a proteção da santíssima Virgem e pelas quais fiz voto de dizer três missas em Nossa Senhora do Monte. Disse ao capitão que fizesse subir alguém à gávea para ver se porventura aparecia a chalupa. O Santo passou todo o dia em preces; e saindo de seu retiro pela tarde, perguntou se havia aparecido a chalupa: não lhe responderam senão com o riso. Disse que se baixassem as velas para dar tempo à chalupa de alcançar o navio. Riam-se interiormente da confiança do Santo, quando um menino que estava sentado ao pé do mastro grande exclamou repentinamente: Milagre, milagre, olhem ali a chalupa: com efeito, abordou a chalupa, ficando todos admirados e gozosos; abraçaram aqueles homens que já criam perdidos; mas surpreenderam-se ainda mais quando souberam que haviam vindo em meio da mais horrível tempestade que se viu jamais, sem que temessem nem perecer nem extraviar-se; porque diziam que o P. Xavier era seu piloto, e sua presença os assegurava.

Tendo arribado a Malaca o santo Apóstolo, toma a resolução de levar as luzes da fé à China. Ainda que se ofereciam muitas oposições, capazes cada uma de transtornar uma empresa tão santa, Xavier, superior a todos os obstáculos quando se tratava da glória de Deus e da salvação das almas, não se acovardou. Desejava que se enviasse uma embaixada à China, para abrir por meio dela a porta ao Evangelho; mas opôs-se com tenacidade Dom Álvaro, governador de Malaca. O Santo o sente vivamente e atribui a seus pecados que não tenha efeito a embaixada: o Governador

foi castigado terrivelmente, como o Santo lho havia profetizado; mas Xavier não desistiu de sua empresa. Tendo arranjado todas as coisas, tanto no que dizia respeito à Companhia como às missões; depois de haver nomeado o P. Barzeu por reitor do colégio de Goa e vice-provincial, e distribuído os outros Padres nas diversas missões do Japão e da Índia, embarca com um só irmão numa nau que ia à ilha de Sancião, para passar dela à China. Depois de alguns dias de navegação, o vento calou repentinamente; e tendo-se aplanado as ondas, ficou imóvel a embarcação. Como a calmaria durou catorze dias, chegou a faltar a água doce, com o que no princípio morreram alguns; e toda a tripulação, que se compunha de umas quinhentas pessoas, caiu enferma. O Santo, movido a compaixão, põe-se a orar; depois do que desce à chalupa com um menino, ao qual faz que prove a água do mar, pergunta-lhe se estava doce; e respondendo-lhe o menino que estava salgada, diz-lhe que a prove outra vez; e o menino a acha tão doce como a de qualquer fonte. Subindo então o Padre à embarcação, faz encher de água todas as vasilhas e tonéis do navio; mas, correndo todos a beber, acharam-na sumamente salgada: o Santo fez o sinal da cruz sobre as vasilhas, e logo perdeu a água seu gosto salobre e ficou excelente para beber. Este milagre fez tal impressão nos árabes e sarracenos que estavam a bordo que creram em Jesus Cristo e receberam todos o Batismo. O resto da viagem foi uma série continuada de milagres e de profecias. Finalmente, tendo arribado à ilha de Sancião, apenas desembarcou livrou a ilha dos tigres de que estava inundada. O santo Apóstolo se dispunha para ir à China, da qual se descobriam já os primeiros portos, quando Deus lhe deu a conhecer que se contentava com seu ardente desejo; que queria recompensar-lhe seus imensos trabalhos e que a execução de seu desígnio sobre a China a reservava a seus irmãos.

Deus tratou a Xavier como em outro tempo tratou a Moisés, que morre à vista da terra aonde tinha ordem de conduzir os israelitas. Sobreveio uma febre ao P. Francisco no dia 20 de novembro; desde o princípio dela teve um conhecimento claro do dia e hora de sua morte, como o manifestou ingenuamente ao piloto do navio. Tendo-se declarado o mal por uma dor de lado muito aguda e com grande opressão de peito, o Santo se viu muito em breve nos últimos, sem ter outro socorro que algumas frutas que lhe deu o capitão. Todo o tempo de sua enfermidade foi uma contínua conversação com Deus; ouvia-se-lhe repetir sem cessar estas palavras: *Jesu, fili David, miserere mei:* Jesus, filho de Davi, tende misericórdia de mim: e nestas outras: *O sanctissima Trinitas;* e voltando o rosto a uma santíssima Virgem, dizia-lhe continuamente: Mãe minha muito amada, *monstra te esse matrem:* mostra que és minha mãe. Finalmente, no dia 2 de dezembro, que era sexta-feira, tendo os olhos banhados em lágrimas e fixos num Crucifixo, pronunciou com a maior ternura estas palavras: *In te, Domine, speravi; non confundar in æternum:* Senhor, eu esperei toda a minha vida em vós; fazei que não padeça a confusão de haver esperado em vão. E transportado ao mesmo tempo de um gozo celestial, deu placidamente seu espírito, pelas duas horas da tarde, no ano de 1552, aos quarenta e seis de sua idade, dos quais havia empregado dez e meio nas Índias.

A notícia de sua morte fez em todos os espíritos e corações aquela impressão que faz a morte dos Santos. Corriam em tropas as gentes a sua cabana para beijar-lhe os pés e encontraram-no com o rosto tão encarnado e rosado como se estivesse vivo. Assim terminou sua gloriosa carreira o apóstolo das Índias e do Japão, depois de haver dilatado a Igreja seis mil léguas mais do que estava; depois de haver pregado o Evangelho a cem ilhas ou reinos diferentes e convertido a Jesus Cristo mais de cem mil almas. Seus trabalhos foram imensos, seus milagres infinitos. Contam-se oito mortos ressuscitados; e quase se pode dizer que todos os milagres estupendos dos Santos que

o precederam não igualam o número dos deste santo Apóstolo.

Não se deu terra a seu corpo até o domingo seguinte: seu enterro se fez sem cerimônia alguma; tirou-se-lhe a sotaina, que os oficiais dividiram entre si. O capitão mandou cobrir o corpo de cal viva, para que, consumindo-se antes a carne, se pudessem levar os ossos na embarcação que devia voltar às Índias dentro de poucos meses. No último ano da vida do Santo viu-se suar sangue com abundância todas as sextas-feiras um Crucifixo que estava na capela do castelo de Xavier; e foi o mesmo morrer o Santo e deixar o sangue de correr.

Dois meses e meio depois da morte do santo Apóstolo, desenterraram seu corpo e encontraram-no inteiro, tão fresco, tão encarnado, tão palpável e flexível como se estivesse vivo. As vestiduras sacerdotais de que o haviam revestido não haviam recebido a menor lesão da cal; e o santo corpo exalava um odor tão suave e agradável que excedia ao dos perfumes mais requintados. Logo que chegou a Malaca, cessou a peste que fazia grandes estragos na cidade; foi recebido como em triunfo pela nobreza, pelo povo e pelo clero. Depois de alguns meses foi desenterrado outra vez, e encontraram-no tão inteiro e tão fresco como antes de enterrá-lo; mandou-se fazer uma caixa de madeira finíssima e, depois de havê-la guarnecido de um rico damasco da China, pôs-se nela o santo corpo, envolto num pano de tela de ouro, com um travesseiro de brocado sob a cabeça. Este precioso depósito foi recebido em Goa com toda a pompa e veneração que lhe era devida. O vice-rei, com toda a sua corte, a nobreza e os magistrados acompanhavam o clero. Este santo tesouro foi depositado na igreja de São Paulo do colégio da Companhia de Jesus, ao som de sinos e ao ruído de toda a artilharia, onde ainda se conserva com muito cuidado: operaram-se infinitos milagres em todos os lugares por onde passou o santo corpo; e Deus continua hoje a fazer outros muitos por intercessão deste grande Santo, não só em Goa, mas em todo o mundo.

Depois de um jurídico exame das virtudes e milagres inumeráveis deste grande servo de Deus, o papa Paulo V declarou bem-aventurado a Francisco Xavier, presbítero da Companhia de Jesus, no dia 25 de outubro de 1619; e o papa Gregório XV, sucessor de Paulo V, canonizou-o solenemente no dia 12 de março de 1622. O Papa, na bula de sua canonização, chama-o Apóstolo das Índias e diz que seu apostolado teve todos os sinais de uma vocação divina, como são o dom de milagres, o de profecia, o de línguas, com as mais perfeitas virtudes evangélicas. Pode-se dizer com verdade que jamais se viu um agregado mais pasmoso de virtudes, todas eminentes, como o que se notou neste Santo: seu amor de Deus, terno, ardente e generoso, era sem medida; seu zelo pela salvação das almas, sem limites; sua pobreza e sua mortificação, excessivas; sua humildade tão profunda que jamais escreveu a Santo Inácio, seu geral, que não fosse de joelhos; e numa carta firma deste modo: O menor de vossos filhos e o mais afastado de vós, Francisco Xavier. Sua devoção à santíssima Virgem foi tão terna, tão perfeita e tão cheia de confiança que jamais pedia nada a Nosso Senhor senão por intercessão de sua Mãe. Acabava todas as instruções com a *Salve Regina.* Quando passava as noites em oração na igreja, quase sempre era diante de alguma imagem da Mãe de Deus. Tomei a Rainha do céu por minha padroeira, diz numa de suas cartas, para alcançar o perdão de meus inumeráveis pecados; sobre o que havia feito voto de defendê-la toda a sua vida. O corpo do Santo subsiste sempre em Goa: só um braço inteiro foi levado a Roma e se conserva com muita veneração na igreja da casa professa dos Jesuítas, que se chama o Gesù. A novena deste Santo, veja-se o dia 3 de março.

São Casiano, Mártir

Tal dia como hoje padeceu pela fé de Cristo o notário que escrevia o julgamento que Aurélio Agrícolano fazia do bendito São Marcelo. Chamava-se Casiano. Este, pois, tendo visto a serenidade e constância do santo Centurião naquele tribunal e a raiva e fúria com que o Presidente, vencido pelas respostas que se lhe davam, prorrompia em expressões desatinadas, assim que ouviu a sentença que se ditava contra Marcelo, lançou o códice e a pena, não querendo escrever coisa tão detestável. Ao ver esta ação, pasmaram todos os circunstantes; mas o bendito São Marcelo, conhecendo por divina inspiração que Casiano havia de ser companheiro seu no martírio, mostrou em seu rosto a alegria de seu coração. Agrícolano levantou-se de sua cadeira com grande cólera e perguntou a Casiano por que causa havia lançado ao chão o códice e a pena. E Casiano respondeu que não tinha outro motivo que a execrável sentença que acabava de ouvir contra Marcelo. Mandou o Juiz que o pusessem no cárcere, e, tendo chegado o dia 3 de dezembro, examinou-se sua causa no mesmo lugar que a de São Marcelo, dando o bem-aventurado Casiano, como bom discípulo do santo Centurião, as respostas que havia ouvido deste quando fazia o ofício de notário, seguindo-se a elas também a mesma sentença, que se executou no expressado dia 3 de dezembro. (M. Risco, t. 34, p. 347.)

Missa (oração)

A missa é em honra de São Francisco Xavier, e a oração é a que segue:

> **Latim:** *Deus, qui Indiarum gentes beati Francisci prædicatione et miraculis Ecclesiæ tuæ aggregare voluisti: concede propitius; ut cujus gloriosa merita veneramur, virtutum quoque imitemur exempla. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que pela pregação e milagres do bem-aventurado Francisco quisestes agregar à vossa Igreja os povos das Índias, concedei-nos que imitemos os exemplos de suas virtudes, já que honramos seus merecimentos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 10 da carta do apóstolo São Paulo aos Romanos.

Romanos 10,10-18

>

> **Latim:** [10] Corde enim creditur ad justitiam : ore autem confessio fit ad salutem. [11] Dicit enim Scriptura : Omnis qui credit in illum, non confundetur. [12] Non enim est distinctio Judæi et Græci : nam idem Dominus omnium, dives in omnes qui invocant illum. [13] Omnis enim quicumque invocaverit nomen Domini, salvus erit. [14] Quomodo ergo invocabunt, in quem non crediderunt ? aut quomodo credent ei, quem non audierunt ? quomodo autem audient sine prædicante ? [15] quomodo vero prædicabunt nisi mittantur ? sicut scriptum est : Quam speciosi pedes evangelizantium pacem, evangelizantium bona ! [16] Sed non omnes obediunt Evangelio. Isaias enim dicit : Domine, quis credidit auditui nostro ? [17] Ergo fides ex auditu, auditus autem per verbum Christi. [18] Sed dico : Numquid non audierunt ? Et quidem in omnem terram exivit sonus eorum, et in fines orbis terræ verba eorum.

Português: [10] Porque com o coracao se crê para alcançar a justiça: mas com a boca se faz a confissão para conseguir a salvacao. [11] Porque diz a escritura: Todo o que crê n'elle, não será confundido. [12] Porque não ha distinção de Judeo, e de Grego: posto que hum mesmo he o Senhor de todos, rico para com todos os que o invoção. [13] Porque todo aquelle, quem quer que for, o que invocar o nome do Senhor, será salvo. [14] Como invocarão pois a aquelle, em quem não crêrão? Ou como crerão áquelle, que não ouvirão? E como ouvirão sem prégador? [15] Porém como prégarão elles, se não forem enviados? assim como está escrito: Que formosos são os pés dos que annunciao a paz, dos que annunciao os bens! [16] Mas nem todos obedecem ao evangelho. Porque Isaías diz: Senhor, quem creo ao que nos ouvio prégar? [17] Logo a fé he pelo ouvido, e o ouvido pela palavra de Christo. [18] Mas pergunto: Acaso elles não tem ouvido? Sim por certo, pois por toda a terra sahio o som d'elles, e até aos limites da redondeza da terra as palavras d'elles.

Reflexões

Crê-se com o coração para a justiça, e confessa-se com a boca para a salvação. Crer com o coração é submeter-se com uma fé humilde a todas as verdades que Jesus Cristo nos ensinou; é amá-las e fazer delas a regra de nossa conduta. Crer com o coração é viver conforme as verdades, a moral e o Evangelho em que se crê: ninguém é justo se não tem esta fé prática, isto é, esta fé viva, esta fé animada, sustentada e provada com as obras. Abraão creu; mas nunca brilhou mais sua fé que quando se determinou a executar por si mesmo o preceito que se lhe havia dado de sacrificar seu filho. O justo vive da fé; mas a fé sem obras é uma fé morta: logo, não é esta a fé de que vive o justo. Sendo assim, há muitos verdadeiros fiéis no mundo? Confessar com a boca é declarar-se abertamente por discípulos de Jesus Cristo e fazer conhecer com as obras que as palavras são sinceras. Que tesouro de ira o que espera um pregador cuja vida desmente a doutrina! A um pai, a uma mãe de família, a um amo, a um superior, cuja conduta se opõe às instruções que dá e aos castigos com que ameaça! Dai-me valor, meu Deus, para confessar-vos intrepidamente diante dos homens, para que deste modo vós não vos envergonheis de mim diante de vosso Pai. Se o erro prevalecesse, então deveriam os fiéis, com particularidade, fazer uma

profissão pública de sua crença para opor-se à torrente da sedução. Em umas circunstâncias tão críticas, até os solitários deixavam em outro tempo seu retiro e vinham em tropas às cidades confessar sua fé e sustentar os fiéis com o exemplo de sua eminente santidade. *Não há distinção entre o judeu e o grego.* E deve havê-la entre o pobre e o rico, entre as pessoas de qualidade e o artesão, quando se trata de sua salvação? Estas predileções e preferências na direção das almas, essas distinções são odiosas e fazem ver claramente que esse pretendido zelo é efeito da carne e do sangue. A alma do homem mais vil custou tanto a Jesus Cristo como a do maior monarca. Dir-se-á que se trabalha por Deus quando só se acha gosto nos ministérios honrosos, e não se sente senão um zelo frio, insípido e desgostoso pela salvação da gente plebeia? O judeu e o gentio igualmente são obra das mãos do Senhor. Este Deus, para com o qual não há acepção de pessoas, pretendia que com a vinda do Messias não houvesse já diferença entre eles e que todos não fizessem já senão uma só família, uma só casa e um só povo que invocasse seu nome, sobre o qual derramaria sem distinção as riquezas de sua misericórdia. Ai dos que, invejosos de vê-las repartir, se fazem indignos de recebê-las! Este espírito judaico, que induz a estreitar as misericórdias do Senhor, não reina ainda hoje? *O Senhor de todos é rico para todos os que o invocam.* Não temamos que chegue a empobrecer-se por ser liberal: não sucede com Deus o que com os grandes da terra; como não são ricos para todos os que lhes servem, enfadam-se quase sempre quando se lhes pedem favores e ordinariamente os concedem para livrar-se de ser importunados; mas nosso Deus, como é rico para todos os que o invocam, manda-nos que lhe peçamos sem cessar; e se alguma vez difere o ouvir-nos, faz isso para que a indigência e a miséria nos tenham mais longo tempo perto dele. Que motivo maior para confiar em sua bondade?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 16 de São Marcos.

Marcos 16,15-18

> **Latim:** 15 Et dixit eis : Euntes in mundum universum prædicate Evangelium omni creaturæ. 16 Qui crediderit, et baptizatus fuerit, salvus erit : qui vero non crediderit, condemnabitur. 17 Signa autem eos qui crediderint, hæc sequentur : in nomine meo dæmonia ejicient : linguis loquentur novis : 18 serpentes tollent : et si mortiferum quid biberint, non eis nocebit : super ægros manus imponent, et bene habebunt.

Português: 15 E disse-lhes: Ide por todo o mundo, prégai o evangelho a toda a creatura. 16 O que crer, e for baptizado, será salvo: o que porém não crer, será condenado. 17 E estes sinaes seguirão aos que crerem: Expulsarão os demonios em meu nome: fallarão novas linguas: 18 manusearão as serpentes: e se beberem alguma potágem mortifera, não lhes fará mal: porão as mãos sobre os enfermos, e sararão.

Meditação

Do zelo que cada um deve ter da salvação própria e da dos outros

Primeiro ponto

Considera que o verdadeiro zelo é uma paixão viva e ardente da salvação das almas; é um afeto generoso que tem por princípio a fé, que está animado da caridade, apoiado da esperança cristã. Estas virtudes dão ao zelo toda a fortaleza, todo o alento, todo o ardor, toda a mansidão, toda a paciência e magnanimidade que tem; e não devem as mesmas virtudes inspirar-nos a todos este zelo? Quando se pensa seriamente no que custou uma alma a Jesus Cristo e, por conseguinte, no que vale, pode-se ver a sangue-frio que esta alma se perca? Pode-se não sentir sua perda, se há em nós o mais leve vestígio de fé e de caridade? Este pensamento obrigou em todos os tempos os homens apostólicos a empreender tudo, sofrer tudo pela salvação das almas. Ele é quem obrigou o grande Xavier a sacrificar tudo — parentes, amigos, talentos — para ir buscar além dos mares, num mundo novo, tantas ovelhas desgarradas para trazê-las ao redil de Jesus Cristo. Que não teve que sofrer? Quantos trabalhos não padeceu? Quantas amarguras não teve que suportar? Quantos obstáculos que vencer? Mas o verdadeiro zelo de nada se acovarda: *Charitas Christi urget nos.* Eis aqui o que devem dizer todos os verdadeiros fiéis: nossa alma é o que mais devemos estimar, e nossa salvação deve ser o objeto de nossos primeiros cuidados; mas, ó bom Deus, que transtorno de razão e de conduta o de grande parte dos Cristãos! Há pessoas sumamente zelosas da salvação dos outros, sem a mais leve aparência de zelo de sua própria salvação; não omitem diligência alguma para levar os outros a Deus: que sermões, que energia em seus discursos, que exortações tão patéticas! Mas ao mesmo tempo, que indolência, que descuido de sua própria salvação! Mas de que serve ao homem haver ganho e convertido o mundo todo, se se perde a si mesmo? Ou que dará em troca por sua alma? Por ventura a salvação de todo o universo o indenizará da perda de sua alma? Ah, Senhor! Amamo-nos tanto; e com toda a nossa aplicação e nosso zelo não nos empregamos inteiramente em procurar nossa salvação. Mostramos tanta viveza quando se oferece alguma ocasião de ganho temporal, somos tão cobiçosos dos bens desta vida, e havemos de estar faltos de zelo de nossa salvação? Ó Deus, que delírio este! Que extravagância!

Segundo ponto

Considera como o zelo faz em parte o caráter de todos os que amam a Deus. Não há um que não deva ter zelo da salvação de seus irmãos; como tampouco há um que não possa trabalhar eficazmente na salvação de seu próximo. Que bem não pode e não deve fazer um grande a respeito de seus súditos; um superior a respeito de seus inferiores; um pai de família a respeito de seus filhos e domésticos; um amo a respeito daqueles sobre quem tem alguma autoridade; e até um particular a respeito de todos, pela regularidade de seus costumes, por suas boas conversações, por seus bons exemplos? Cada um pode ser obreiro apostólico sem sair de seu

estado: que dureza, que barbaridade a daqueles que veem perder-se tantas almas a sangue-frio! Mas cuidemos que a paixão não tome a máscara e o nome do verdadeiro zelo. O zelo de Jesus Cristo deve ser o modelo do nosso. Que sabedoria, que doçura, que paciência no zelo de Jesus Cristo! Esse zelo ardente e demasiado duro, que resseca e devora tudo o que encontra e que derrama por toda parte a acrimônia e a amargura, prova quão fácil é enganar-se em ponto de caridade. Um zelo frouxo e demasiado indulgente é um zelo falso. Deve-se fazer guerra ao pecado sem usar de misericórdia com ele; mas o verdadeiro zelo se compadece sempre do pecador. A severidade nem sempre incomoda os que pregam: indulgentes muitas vezes consigo mesmos, até perdoar-se os defeitos mais grosseiros, pedem aos outros uma regularidade escrupulosa e extremada. Este zelo amargo prorrompe de ordinário em queixas e murmurações. Bom Deus! Encontrou-se jamais a caridade num coração austero e amargo? Se há abusos que corrigir ou erros que destruir, deixemos ao pai de família o cuidado de sua vinha, que o soberano Dono não nos encarregou. Ele saberá separar a seu tempo o joio do bom grão e fazer que seus administradores lhe deem contas do depósito que lhes confiou. Que ilusão tão ridícula a de gritar eternamente contra a licença e o relaxamento do outro e não trabalhar jamais em sua própria reforma! Se temos zelo, por que o havemos de empregar jamais senão com os estranhos? Não temos bastante que fazer em desbravar e limpar nosso próprio campo, sem inquietar-nos tanto pelos espinhos que nascem no campo dos outros? Que o zelo que temos de nossa salvação seja um pouco duro, é tolerável; mas que o zelo que temos pela salvação dos outros seja amargo, pouco compassivo, demasiado áspero, está reprovado pelo espírito de Jesus Cristo. Dai-me, Senhor, este zelo puro, caritativo e verdadeiro, tanto no que diz respeito a minha salvação como à dos outros, para que, ganhando meus irmãos para vós, assegure com vossa graça minha eterna bem-aventurança.

Jaculatórias

Abrasai-me, Senhor, com o fogo do Espírito Santo, para que vos sirva com um corpo casto e vos agrade pela pureza de meu coração. (Eclesiástico.)

Olhei sempre os pecadores como uns injustos prevaricadores; e por este motivo observarei vossa lei, e se inflamará meu zelo contra os que a quebrantam. (Sl 118.)

Propósitos

1. O verdadeiro zelo não é turbulento nem impetuoso; antes é moderado e discreto: sabe buscar ocasião para insinuar-se com suavidade; é terno e compassivo. Não são os grandes discursos os meios de que se vale para fazer os grandes efeitos; ordinariamente faz os maiores progressos por meio de conversações familiares e de serviços feitos a tempo; talvez usando prudentemente da autoridade que tem sobre os outros e da confiança que os outros têm nele; mas sobretudo o bom exemplo é o meio mais eficaz para a conversão das almas. Tem este gênero de zelo e não precisas ser sábio, nem discreto, nem muito eloquente para ganhar os outros; basta para isso que sejas verdadeiramente cristão e exemplar. Adverte que os que têm zelo se dão a conhecer facilmente;

olha se te sentes inflamado deste fogo, que só busca como alumiar, aquecer e inflamar todo o mundo com o mesmo ardor. Sentes vivamente a desgraça dos que se perdem? Choraste alguma vez a cegueira dos maus cristãos? Levas com pena que Deus seja tão pouco conhecido e tão pouco amado dos homens? Sentes uma secreta alegria quando o vês honrado? Olhas com estima e com ternura as pessoas devotas? Estes são os sinais do verdadeiro zelo: procura ter um zelo tão cristão como este.

2. Temos irmãos segundo o espírito, e talvez também segundo a carne. Quantos se perdem todos os dias a nossos olhos? Procura fazer todos os dias alguma oração, primeiro por tua conversão e depois pela de todos os pecadores, especialmente pela dos hereges, procurando chorar sua infelicidade. Vela sobretudo sobre teus filhos, sobre teus inferiores e sobre todos os teus domésticos; vela sobre sua conduta: se frequentam os Sacramentos, se fazem suas orações regulares pela manhã e pela tarde, se têm uma vida inocente e cristã; dá-lhes a miúdo lições salutares: nem todos são pregadores, mas todos podem ser apóstolos e missionários em sua comunidade e em sua família. Tem de hoje em diante este ofício e exercita suas funções.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:55:27 by Admin
Updated 20 November 2026 20:55:27 by Admin